

## Multissemiose e discurso religioso: análise semiótica do texto escultórico de Nossa Senhora Aparecida

*Multisemiosis and religious discourse: semiotic analysis of the sculptural text of Our Lady Aparecida*

Renan Ramires de AZEVEDO (UFMS)  
*renan\_ramires@outlook.com*

Sueli Maria Ramos da SILVA (UFMS)  
*sueli.silva@ufms.br*

Recebido em: 31 de ago. de 2022.  
Aceito em: 15 de nov. de 2022.

AZEVEDO, Renan Ramires de; SILVA, Sueli Maria Ramos da. Multissemiose e discurso religioso: análise semiótica do texto escultórico de Nossa Senhora Aparecida. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2548, p. 166-186, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32548.

**Resumo:** O presente artigo é um trabalho de caráter qualitativo-interpretativista e, com intuito de identificar o uso de multissemioses nas práticas sociais contemporâneas, seguindo descrições teóricas diversas (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; ELIAS, 2016; MACAGNO; PINTO, 2021), se arquiteta sobre as estruturas teóricas dos estudos semióticos discursivos, mais especificamente, sobre a vertente da semiótica plástica que considera a análise de semioses visuais. Para atingirmos tais propósitos, o objetivo específico do presente trabalho é, pois, apreender, por meio da análise, os possíveis efeitos de sentidos da imagem religiosa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, presente, enquanto texto escultórico, no espaço sagrado do Santuário Nacional de Aparecida (SP), associado assim, como um trabalho analítico de um texto multimodal religioso, visual, para além da forma verbal. A justificativa do presente corpus se dá por dois principais motivos: a) o papel sociocultural e religioso de santa tida como Padroeira do Brasil; b) a necessidade e o ineditismo da presente análise, uma vez que não houve produções do âmbito da semiótica acerca de determinada representação

escultórica. Para isso, nossa metodologia analítica se desenvolve pelo processo teórico-metodológico das categorias do plano de expressão visual da semiótica plástica (PIETROFORTE 2007, 2018), categorias essas que garimpam os efeitos de sentidos por meio das cores, formas e posições do objeto. Dessa maneira, esperamos ser possível ampliar os estudos no âmbito da semiótica e do discurso religioso, de modo que seja possível compreender, por meio das evidências do texto escultórico, que a imagem notabiliza, possíveis relações de sentido entre divindade e humanidade.

**Palavras-chave:** Semiótica Visual. Imagem Religiosa. Padroeira do Brasil. Escultura.

**Abstract:** The present article is a qualitative-interpretative work and, in order to identify the use of multisemioses in contemporary social practices, following different theoretical descriptions (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; ELIAS, 2016; MACAGNO; PINTO, 2021), if architect on the theoretical structures of discursive semiotic studies, more specifically, on the aspect of plastic semiotics that considers the analysis of visual semiosis. In order to achieve these purposes, the specific objective of the present work is, therefore, to apprehend, through analysis, the possible effects of meanings of the religious image of Our Lady Aparecida, present, as a sculptural text, in the sacred space of the National Sanctuary of Aparecida (SP), thus associated as an analytical work of a multimodal religious text, visual, beyond the verbal form. The justification of the present corpus is given for two main reasons: a) the sociocultural and religious role of the saint considered as Patroness of Brazil; b) the necessity and originality of the present analysis, since there were no productions from the semiotics scope about a certain sculptural representation. For this, our analytical methodology is developed through the theoretical-methodological process of the categories of the visual expression plane of plastic semiotics (PIETROFORTE 2007, 2018), categories that mine the effects of meanings through the colors, shapes and positions of the object. In this way, we hope to be able to expand the studies in the field of semiotics and religious discourse, so that it is possible to understand, through the evidence of the sculptural text, that the image highlights, possible relationships of meaning between divinity and humanity.

**Keywords:** Visual Semiotics. Religious Image. Patroness of Brazil. Sculpture.

## Introdução

O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 48).

O presente estudo pretende, primeiramente, promover reflexões pertinentes acerca dos estudos de linguagens, mais especificamente dos estudos semióticos enquanto teoria do signo do texto e do discurso para identificar e analisar o uso de multissemioses na prática social religiosa. Vale ressaltar que, por mais que a noção de multissemiose esteja próxima à noção de textos sincréticos da Semiótica Discursiva e, ao utilizarmos desse termo desde o título, cumpre indicar a singularidade da maneira segundo a qual a semiótica

discursiva trata os textos multissemióticos, entendidos enquanto objetos sincréticos. Isso, pois, para a semiótica discursiva, “num sentido mais amplo, serão consideradas sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação” (GREIMAS; COURTÉS, 2021).

Dessa maneira, objetivamos contribuir, sobretudo, com a produção científica no âmbito do discurso religioso, mais especificamente. Conforme afirma Cardoso (2017): “o discurso religioso e o discurso bíblico, fundador do discurso religioso cristão, entendidos como textos significantes, abrem-se para a Semiótica como um espaço pertinente para estudo” (CARDOSO, 2017, p. 23). Nesse sentido, a presente pesquisa, de caráter qualitativo-interpretativista, busca, especificamente, debruçar-se sobre o texto escultórico de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, localizada no Santuário Nacional de Aparecida (SP), observando o funcionamento do conteúdo da imagem em questão, bem como os efeitos de sentido do texto escultórico enquanto discurso religioso e enquanto multimodalidade textual (ELIAS, 2016). A escolha do objeto se deu devido a dois principais motivos: i) pelo objeto ser uma materialidade de acordo com os critérios que buscamos para análise – ser uma imagem (escultura) e ser de discurso religioso; ii) pela imagem de Nossa Senhora Aparecida ser dita padroeira do Brasil (SILVA; PIMENTA, 2018) – caracterizando uma posição importante de religiosidade nacional.

É importante ressaltar que, ao falar sobre o presente objeto, abrem-se variadas possibilidades de análises no que se referem a outras temáticas, tais como, raciais, históricas e étnicas. Contudo, a presente pesquisa se debruça, exclusivamente, sobre a produção de sentido do referido texto escultórico, já que, segundo o *Dicionário de Semiótica* (2021), o papel efetivo da semiótica é o de: “A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, [...] como uma *teoria da significação*. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições de apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 455, grifos do autor). Quando nos referimos a texto escultórico, tomamos a noção de escultura segundo Dondis (2015)<sup>1</sup> que a define:

A essência da escultura consiste no fato de ser **construída com materiais sólidos e existir em três dimensões**. A maioria das

<sup>1</sup> Dentre os teóricos utilizados, vale frisar que os preceitos de Dondis serão utilizados e semiotizados, devido sua localidade epistemológica ser exterior a das noções semióticas.

outras formas de arte visual – pintura, desenho, artes gráficas, fotografia, cinema – apenas sugere as três dimensões através de uma utilização extremamente sofisticada da perspectiva e da luz e sombra do claro-escuro. As pontas de nossos dedos colocadas sobre uma foto ou pintura não nos dariam nenhuma informação (DONDIS, 2015, p. 189, grifos nossos).

Dessa maneira, a semiótica, ao se interessar pela análise de qualquer tipo de textos, admite variadas maneiras de expressão – verbais e não-verbais (visuais, sonoras, gestuais etc.) – e concebe o texto escultórico, concebido por significantes tridimensionais, também como passível de análise semiótica (MORATO, 2013). Dos estudos de semiótica sobre texto escultórico, destacam-se Pietroforte (2018), Azevedo e Batistote (2022) e Morato (2013)<sup>2</sup>.

Quando tratamos de semiótica e discurso religioso, *a priori*, consideramos um percurso analítico iniciado nos anos de 1970, quando publicada a obra inaugural greimasiana *Du sens* (1970). Tal publicação instaura a primeira obra originalmente de semiótica sobre discurso. Cardoso (2017) comenta que, no grupo de estudos formado por Greimas: “encontravam-se pesquisadores do discurso religioso como Louis Panier, Jean Delorme, Jean-Claude Giroud, Jean Calloud e outros. Esses pesquisadores formaram o *Centre pour l’analyse du discours religieux* (CADIR)” (CARDOSO, 2017, p. 22).

No Brasil, no que se refere às pesquisas já existentes sobre semiótica e discurso religioso, vale apontar que os estudos seguem estruturados e ainda ativos na produção científica. Dentre alguns dos principais autores que desenvolvem tais estudos no ramo, destacamos, cronologicamente: Pietroforte (1997), Postal (2007, 2010), Cardoso (2017) e Silva (2013, 2019, 2020a). No entanto, o texto escultórico religioso e Nossa Senhora Aparecida, especificamente, se fazem ainda pouco explorados como objeto de análise da perspectiva semiótica.

Sob essa égide, vale ressaltar que, no estudo de Silva (2020b), a autora analisa a iconografia católica, entretanto a pesquisa se pauta diante do ícone da Cruz de São Francisco. Além disso, tem-se, ainda, a pesquisa de Mota (2007), que traz a temática da santa em questão, porém por meio da letra da música Romaria, de Renato Teixeira, e não da imagem. Por fim, pontuamos ainda, o estudo de Casimiro (2008), que trabalha enunciação pela perspectiva semiótica de alguns ícones outros, não incluindo a santa em questão em seu *corpus*.

<sup>2</sup> Destaca-se que os preceitos de Morato (2013), especificamente, se constroem próxima da visada sociosemiótica.

Assim, configura-se nossa integração no conjunto de pesquisas que ocupam o espaço dos estudos do âmbito da religião e da semiótica. Vale ressaltar, portanto, que nosso objetivo é de produzir ciência, pela ciência, pela análise, e por meio de subsídios e resultados que o texto-objeto evidenciar.

### A concepção semiótica de Discurso Religioso

Ao conceituar discurso religioso no âmbito da Semiótica, Fiorin (2013) afirma que é aquele que

pretende explicar a totalidade do mundo: elucida como se criou o Universo, como teve origem a vida, como surgiu a consciência, por que sofremos, qual é o sentido da vida, que é que acontece após a morte. Por isso, é um discurso não ancorado no tempo e no espaço, o que denota que é válido para todos os tempos e todos os lugares. Sua temporalidade é a eternidade, ou seja, do não tempo e, por isso, opera no **presente gnômico**, sendo válido para o presente de cada um dos crentes. O discurso religioso proclama o fim da história e, assim, oferece a cada ser humano parâmetros para compreendê-la por um sentido meta-histórico. É, por isso, um discurso do necessário. Pretende-se a verdade, a que se adere pela fé. Por isso, apresenta-se explicitamente como da **ordem do crer**. Na verdade, a certeza sobredetermina a necessidade: se p é indubitável, então deve ser (FIORIN, 2013, p. 24, grifos nossos).

Em outras palavras, o discurso religioso, em busca de esclarecer os fatos do começo ao fim, não pode ancorar-se no tempo, pois precisa ser válido para todos os tempos e ser válido para o presente de cada um dos sujeitos que creem mediante adesão<sup>3</sup>, em se levando em consideração a modalidade epistêmica<sup>4</sup> do crer. O discurso religioso assume, assim, “um caráter omnitemporal, omnipessoal e omniespacial” (CARDOSO, 2017, p. 24). O caráter omnitemporal apontado por Cardoso se refere à noção segundo a *temporalidade* da instância enunciativa de Fiorin (2016). O autor aponta que o presente omnitemporal (ou gnômico) é: “quando o momento de referência é ilimitado e [...] *sempre* implícito” (FIORIN, 2016, p. 134, grifo do autor), emitindo, assim, um efeito de sentido de verdade suprema. “É o presente utilizado para enunciar verdades eternas ou que se pretendem como tais. Por isso, é a forma verbal mais utilizada pela ciência, pela religião, pela sabedoria popular [...]” (FIORIN, 2016, p. 134).

<sup>3</sup> Em termos semióticos, a adesão nesse contexto se refere ao consentimento do enunciatário com a proposta contratual do fazer-creer da fé.

<sup>4</sup> Modalidades epistêmicas segundo o Dicionário de Semiótica (2021): “[...] dizem respeito à competência do enunciatário [...] que, em seguida ao seu fazer interpretativo, ‘toma a cargo’, assume (ou sanciona) as posições cognitivas formuladas pelo enunciador (ou submetidas pelo Sujeito)” (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 172).

Tais definições comportamentais do presente discurso se associam às consequências da noção de *crer*, ou *fazer-crer*, que o presente discurso pode ou não desempenhar. Greimas & Courtés, ao contextualizarem variados termos para a perspectiva semiótica, materializado pelo renomado *Dicionário de Semiótica* (2021), conceitualizam o verbete *crer*, postulando:

[...] o **crer** apresenta-se como um ato cognitivo, sobredeterminado pela categoria modal da certeza. Essa categoria é suscetível de receber, na literatura lógica e semiótica atual, uma dupla interpretação: é considerada ora como uma categoria alética [...] ora como uma categoria epistêmica autônoma com seu termo *certeza* (GREIMAS & COURTÉS, 2021, p. 107, grifos dos autores).

O curioso é que o conceito semiótico do *crer* é, de certa maneira, muito próximo da noção de discurso religioso, conforme apontado anteriormente por Fiorin (2016), especificamente ao afirmar o discurso religioso como certeza. A partir dessas considerações, vale ressaltar que, enquanto Fiorin (2013) e Cardoso (2017) reproduzem algumas considerações sobre o discurso religioso para além das questões figurativas do discurso, é Silva (2020a) quem protagoniza os pressupostos referentes ao discurso religioso e à enunciação, quando categoriza o discurso em questão em três totalidades tipológicas: a do Discurso Fundador; a do Discurso de Fidelização Religiosa e; Discurso de Divulgação Religiosa (SILVA, 2020a).

A primeira, das categorias de Silva (2020a), dita como Discurso Fundador, é caracterizada por constituir um discurso primeiro, bíblico, do qual se desdobram os demais níveis de prática: fidelização e divulgação. A segunda categoria, o discurso de fidelização religiosa, é direcionada aos fiéis adeptos por meio da adesão a uma determinada prática de fé religiosa. Por último, temos a prática de divulgação religiosa, conceitualizada por ser direcionada ao público em geral.

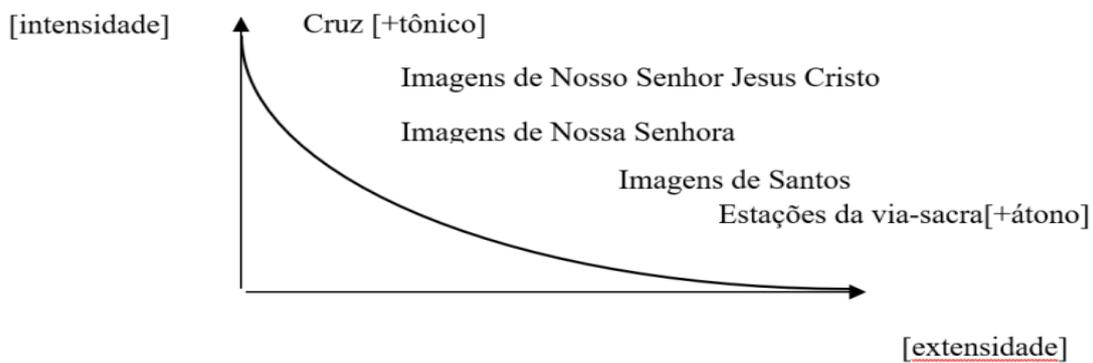
Quando falamos sobre um objeto como o texto escultórico de Nossa Senhora Aparecida, percebemos, de antemão, sua introdução como um discurso de fidelização religiosa (SILVA, 2020a), tendo em vista que a imagem na prática católica é direcionada para um enunciatário presumido católico. Nesse sentido, na prática, é evidente sua devoção estendida, de maneira macro, para a população em geral, para além de denominações sociais, econômicas e religiosas. Dessa maneira, há um entre-lugar entre as duas últimas categorias de Silva (2020a), lugar esse que cabe ao nosso objeto ocupar.

## Preceitos sobre Nossa Senhora (Aparecida) e sua Representação

A igreja não só reconhece Maria como seu tipo e modelo, mas também como misericordiosa intercessora (GRZYWACZ, 2018, p. 76).

Segundo Scomparim (2008), quando falamos sobre imagens religiosas, mais especificamente as católicas, ficamos diante de cinco tipologias de imagens que são tidas de forma hierárquica, respectivamente, “a saber, a Cruz, as imagens de Jesus Cristo, imagens de Nossa Senhora, dos Santos e a Via-Sacra” (SCOMPARIM, 2008, p. 35). Sobre tal tipologia apontada por Scomparim (2008), a partir de seu viés teológico, é semiotizada por Silva (2020b):

Figura 1 – Tipologia de gradação de ícones religiosos



Fonte: Silva (2020b, p. 129).

Vale ressaltar que o estudo de Silva (2020b) analisa semioticamente a primeira categoria – a das Imagens da Cruz. Em continuação analítica, portanto, nosso objeto se enquadra na categoria Imagens de Nossa Senhora, conforme a tipologia proposta. Nossa Senhora, na concepção católica, segundo o Catecismo da Igreja, é tida como: “[...] a Virgem Maria é para a Igreja o modelo de fé e da caridade. [...] No entanto, seu papel em relação à Igreja e a toda humanidade vai ainda mais longe” (CATECISMO, 2017, p. 273). Quando falamos sobre *modelo de fé*, ressalta-se a noção segundo Perelman e Oldbrechts-Tyteca (2005), em sua obra *Tratado da argumentação: a nova retórica*, escrevendo:

O modelo indica a conduta a seguir, serve também de caução a uma conduta adotada. [...] O fato de seguir um modelo reconhecido, de restringir-se a ele, garante o valor da conduta; portanto, o agente que essa atitude valoriza pode, por seu turno, servir de modelo: [...] Santa Tereza será inspiradora da conduta dos cristãos, porque ela própria tinha Jesus como modelo (PERELMAN E OLDBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 415).

Em outras palavras, os santos de maneira geral são tidos como modelos de conduta a serem imitados, ou seja, igualmente exemplificado por Perelman e Oldbrechts-Tyteca (2005) sobre Santa Teresa, Nossa Senhora também é tida como uma figura de inspiração de conduta e modelo de fé católico, conforme também apontado pelo Catecismo (2017, p. 273), anteriormente.

Em relação à presença de Maria na Tradição Católica, tal exercício se dá devido aos processos históricos e institucionais que a religião perpassou através do tempo. Dessa maneira, as devoções se popularizaram tomando distintas denominações que, *grosso modo*, é um movimento que ocorre devido às “diferentes” “Nossas Senhoras” serem uma forma de inculturação e de expressão de sua **proximidade materna** (GRZYWACZ, 2018, grifos do autor). Talvez daí venha o próprio termo *Nossa Senhora*. Dessa maneira, Nossa Senhora Aparecida, a partir de seu acontecimento milagroso, se faz culturalmente pertencente às terras brasileiras. A partir dessas premissas, no que se referem à Nossa Senhora Aparecida especificamente, destacamos alguns estudos:

Sobre estudos que discorrem sobre Nossa Senhora Aparecida, destacam-se, primeiramente, o livro de Alves (2013), fruto de dissertação de mestrado, o qual se intitula *Pintando uma imagem: Nossa Senhora Aparecida*. Nele, Alves se empenha, sobretudo, em uma reflexão sobre a constituição da imagem como símbolo nacional. Outro estudo, que trata também sob essa perspectiva pictórica e artística, são os postulados de Santos (2007), publicação essa em capítulo de livro. Santos (2007) aborda a construção da imagem da santa católica tendo como primazia o imaginário brasileiro e a transição estética dos traços da Conceição Portuguesa para Aparecida Brasileira, como a alteração da coloração da escultura em sua composição e o acréscimo, na imagem de Aparecida, de um véu distinto: azul e com a bandeira do Brasil. Nessa perspectiva, ao lado de Alves (2013) e Santos (2007), posiciona-se também o artigo científico de Machado e Rabello (2019), que analisam os fatos pelos quais a imagem se tornou símbolo nacional – ou o título de Rainha do Brasil – segundo as autoras.

De nuances um pouco mais variadas, temos ainda o estudo de Wolter (2022), que analisa o processo de restauração da imagem numa perspectiva de conservação preventiva – e, por fim, outra temática de estudos encontrada sobre a Virgem em questão, é sobre os 300 anos de *aparição*. Nesse bloco, localizam-se, cronologicamente, os estudos de Santos Junior *et al.* (2017) e Silva e Pimenta (2018). Os primeiros citados

refletem, especificamente, sobre o Jubileu de 300 anos (SANTOS-JUNIOR; CAIRES, 2017); e os segundos apontados analisam a programação e transmissão televisiva da TV Aparecida durante tal festividade (SILVA; PIMENTA, 2018).

Silva e Pimenta (2018) definem a imagem de Aparecida como: “Uma imagem simples e quebrada que mudou a fé daqueles que a encontraram e de um país inteiro. Hoje, ela tem o título de Padroeira do Brasil, título que recebeu como homenagem aos vários milagres que realiza [...]” (SILVA; PIMENTA, 2018, p. 6).

Nesse sentido, paralelamente, verifica-se a noção analógica da representatividade de Maria como a “humanidade do paraíso”, conforme afirma Boff (2006): “[...] a verdade é que, em toda a história da Igreja, seja ocidental, seja oriental, foi sempre estreito o laço entre a **Mãe da Misericórdia** e o **cuidado dos pobres** e miseráveis” (BOFF, 2006, p. 115, grifo nosso). Assim, nesse sentido, Nossa Senhora Aparecida é também tida com alto nível de identificação do povo brasileiro e de cuidado com os pobres, imagem essa construída por meio de suas práticas devocionais resistentes ao tempo e por meio de sua história propriamente dita, conforme conta a narrativa do milagre de sua aparição: “depois que foi encontrada, as redes foram lançadas novamente ao rio e voltaram carregadas de peixes, tantos que ameaçavam afundar as canoas” (BÖING, 2007, p. 17).

Vale ressaltar que pontuamos algumas considerações da história da aparição da imagem, não como fator colaborativo à compreensão da análise, mas como uma oportunidade em se discorrer e relembrar, sobretudo, a historiografia de uma importante figura da religiosidade que faz parte da história do Brasil, selecionada como nosso objeto de análise.

Nesse sentido, por isso, sobre tal relação entre semiótica e história, Fiorin salienta:

A Semiótica narrativa e discursiva, herdeira de Hjelmslev, nas pegadas desse autor, não recusa a História, ela leva em conta a historicidade dos textos. É preciso, no entanto, ver como ela o faz. Evidentemente, ela recusa a ideia de que estudar a historicidade de um texto é contar anedotas a respeito de suas condições de produção: o autor (biografia, etc.), o lugar, à época (FIORIN, 2011, p. 16).

Em outras palavras, a mesma questão é tratada por Barros quando afirma que, nos desenvolvimentos mais recentes da semiótica, a teoria “tem caminhado [...] e procurado conciliar, com o mesmo aparato

teórico-metodológico, as análises ditas ‘interna’ e ‘externa’ do texto” (BARROS, 2005, p. 12). Portanto, ainda que o principal teor teórico do presente artigo seja de cunho estruturalista e intratextual, justificamos a escolha de abordar o contexto histórico do objeto de análise no início do presente artigo. A história não é superior ao sentido, mas interior a ele.

### **Alicerces semióticos**

Quando objetivamos analisar sob a perspectiva semiótica, vale salientar, primeiramente, que não nos referimos às linhagens americana ou russa, mas à francesa, de Algirdas Greimas, alinhada às noções linguísticas de signo e ao estruturalismo a partir de Saussure (2012 [1916]).

O aparato teórico utilizado, portanto, para a realização da análise do presente trabalho está no âmbito da semiótica discursiva, ou seja, conforme Barros (2019), o objeto da semiótica é, pois, o texto, nesse sentido, a escultura aqui é tida como texto. Em continuidade a esse pensamento, Barros afirma que o objetivo na análise semiótica é “explicar os sentidos do texto, isto é, *o que o texto diz*, e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos” (BARROS, 2019, p. 187, grifos da autora). Dentro da teoria padrão da semiótica, vale destacar que o objeto transpassa um percurso de análise no âmbito do plano de conteúdo, conforme postulado por Fiorin:

O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. No modelo que estamos apresentando, os patamares do percurso são três. [...] Os três níveis do percurso são o profundo (ou fundamental), o narrativo e o discursivo (FIORIN, 2000, p. 17).

Assim, nesse processo de análise, o percurso vai gerando sentido, sucessivamente, ao percorrer suas três etapas, respectivamente, citadas a seguir: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo. Ainda sobre o processo de análise semiótica, Barros frisa que o objeto de estudo da semiótica não se prende apenas ao texto verbal ou linguístico e explica a preocupação com todos os tipos de textos que veiculam em nossa sociedade, “oral ou escrito, [...] **visual** ou gestual [...] ou, mais frequentemente, um texto sincrético [...]” (BARROS, 2005, p. 8, grifo

nosso). Assim sendo, asseguramo-nos quanto à escolha do objeto desta análise: o texto “escultura”; e sua maneira multimodal da expressão de seu texto. Sobre os sentidos que serão aqui apreendidos no plano de conteúdo, do referido percurso gerador de sentido, utilizaremos apenas as ferramentas metodológicas da tematização e figurativização, próprias à semântica discursiva.

Posteriormente à análise do plano do conteúdo, a fim de evidenciar *o que o texto diz*, nossa análise parte para análise do plano da expressão, *como o texto expressa o que diz*. No que concerne ao plano da expressão, utilizamos os conceitos do âmbito da semiótica plástica, ou semiótica visual como é comumente conhecida, tendo em vista que o texto a ser analisado é uma escultura e sua forma de manifestação é visual.

Os estudos de Pietroforte (2007, 2018), um dos principais contribuintes da semiótica visual no Brasil, foram norteadores para análise no que se refere ao plano da expressão. Pietroforte (2007, 2018) pontua que no plano de expressão da semiótica visual há três seções de análise que serão agora esclarecidas:

Tabela 1 - Categorias para análise da expressão visual

<b>Categoria eidética</b>	observa a formação das <b>formas</b>
<b>Categoria cromática</b>	trata da manifestação pictórica das <b>cores</b>
<b>Categoria topológica</b>	determinante ao modo da <b>disposição</b> dos elementos figurativos

Fonte: elaboração própria baseado em Pietroforte (2007).

Vale lembrar que, conforme afirmado anteriormente na introdução, diferentemente de artes bidimensionais, como a pintura, a escultura tem caráter tridimensional. Contudo, o perfil de nosso objeto ainda se encaixa e pode se submeter à análise visual, conforme, afirma Morato: “embora na escultura os significantes sejam tridimensionais, tal fato não implica que ela esteja fora dos domínios da semiótica do visual” (MORATO, 2013, p. 91).

### **Percepção semiótica de Aparecida**

Como já mencionado, o objetivo do presente artigo é desenvolver por meio da teoria semiótica discursiva, uma análise do monumento-texto “Nossa Senhora da Conceição Aparecida” (Figura 2):

Figura 2 - Escultura de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Grupo Nossa Senhora Aparecida.  
Disponível em: <<https://bityli.com/FYpRbt>>  
Acesso em: 13 maio 2022.

177

De antemão, antes da análise visual, vale ressaltar que a Senhora de Aparecida não se constituiu a partir de alguma aparição acontecida, mas a imagem, em sua concretude, surgiu sob às águas do rio Paraíba em meados dos anos de 1710, conforme postula Böing (2007):

Três pescadores convocados, João Alves, Domingos Martins Garcia e Felipe Pedroso começaram lançando as redes no Porto [...] nada encontraram [...] João Alves aprumou sua canoa e lançou a rede na água silenciosa. Ao puxá-la devagarzinho, sentiu que, pela primeira vez desde o cair da noite, a rede não estava vazia! [...] recolheu a rede do fundo do rio [...] a rede trouxera, do fundo do rio, uma imagem de barro, quebrada e escurecida pela lama [...] era uma Nossa Senhora da Conceição (BÖING, 2007, p. 16).

Por meio do presente fragmento, o recorte enquanto materialidade textual, é possível perceber que o sentido da narratividade de Aparecida evidencia o aparecimento da imagem a um *acontecimento*. O *acontecimento* de modo geral, na semiótica, é tido como:

Se o acontecimento ocupa tamanho lugar nos discursos, é talvez por tornar possível a comunicação entre transcendência e imanência. Por suas consequências, o acontecimento é do âmbito da transcendência: ele nos abala, nos toca [...]" (ZILBERBERG, 2011, p. 130).

Justamente por esse efeito de impacto do acontecimento discursivo, consideramos o aparecimento da santa brasileira como um *acontecimento* evidenciado a partir de uma intertextualidade entre a narrativa exposta anteriormente por Böing (2007) e o texto-escultura analisado neste artigo. Essa verificação nossa justifica a citação-recorte de Böing (2007) acima. Assim, se faz necessário pontuarmos, a seguir, primeiramente, a configuração da enunciação do aparecimento, fazendo menção ao acontecimento tensivo (ZILBERBERG, 2011) para, posteriormente, expormos a análise efetiva do texto-escultura de Nossa Senhora Aparecida.

Observamos o acontecimento evidenciado na narrativa de Aparecida como o momento posterior em que os três pescadores estavam no rio buscando pescar peixes. Eles possuíam competência, mas não alcançavam a sanção: “a rede **trouxera** do fundo do rio, uma imagem de barro [...] **era** uma Nossa Senhora da Conceição” (BÖING, 2007, p. 16, grifo nosso). O acontecimento é atribuído ao valor fórico de ser *breve*, recebendo acento de sentido por estar ligado à intensidade, diferentemente da temporalidade de *estado* que possui valor fórico de *longo* e está associada à extensidade (ZILBERBERG, 2011, p. 129). Dessa maneira, o *acontecimento* específico de Aparecida – o *aparecimento* – está associado à lógica *concessiva*, ou seja, um evento **inesperado**<sup>5</sup>.

Após depreendemos a necessidade de abordarmos o acontecimento decorrente da intertextualidade do texto-escultura de Aparecida com a narrativa do aparecimento da imagem segundo Böing (2007), passamos à análise propriamente dita da escultura, a partir da superfície figural do objeto plástico.

Conforme é possível visualizar na **Figura 1**, os temas e figuras pelos quais a escultura se constrói são as seguintes: **tema da oração**, figurativizado pelas mãos unidas; **tema da nacionalidade/identidade brasileira**, figurativizado pela bandeira do Brasil em seu manto; **tema de realeza**, figurativizado pela coroa e pelo dourado do manto; **tema da assunção/divindade mariana** que, embora esteja ocluso pelo manto, é figurativizado por haver uma lua e anjos em seus pés; além do **tema de maternidade**, figurativizado pela escultura expor, ainda que de maneira sutil, a virgem inicialmente gestante. Para melhor demonstração, observemos a **Figura 3** abaixo, sem o manto:

<sup>5</sup> Conceitos advindos de Zilberberg (2011).

Figura 3 - Escultura de N. Sra. Aparecida sem o manto



Fonte: Misericordia.org  
Disponível em: <<https://bityli.com/DagkXQ>>. Acesso em: 18 maio 2022.

Pelas fortes influências barrocas, a lua figurativizada na imagem sofreu algumas alterações visuais. Segundo Wolfflin (1984):

O barroco nega o contorno, não no sentido de que são completamente abolidos os efeitos de silhuetas, mas a figura evita consolidar-se dentro de uma silhueta definida. Não é possível fixá-la em um determinado ponto de vista [...] (WOLFFLIN, 1984, p. 58).

Entretanto, é certificada a presença de uma lua em seus pés, característica essa advinda da imagem portuguesa de Nossa Senhora da Conceição. Outra característica advinda de sua “precursora” é o fato de Aparecida também transfigurar uma imagem de Maria na gravidez – fator não esperado no texto-escultura. Dentre variadas questões outras de distinção entre ambas, continuemos a abordar sobre a imagem brasileira especificamente. No que se refere ao manto, especificamente, além da Bandeira do Brasil, é notada a Bandeira do Vaticano, conforme Moreira (2018):

no caso de Nossa Senhora Aparecida, o manto que estudamos apresenta emblemas, em sua ornamentação, que nos remetem à relação existente entre o Estado e a Igreja Católica, o que aponta para a ratificação de uma **identidade nacional** (MOREIRA, 2018, p. 96, grifo nosso).

A escultura apresenta a imagem de uma figura mítica feminina, Maria, com as mãos dadas em prática ritual, como de quem reza: “as mãos postas em oração revelando seu papel de intercessora junto a Deus [...]” (GRZYWACZ, 2018, p. 251). Nesse sentido, a imagem, por assim dizer, define de antemão as categorias mínimas fundamentais de *humanidade vs. divindade*.

Partindo para expressão do texto enquanto linguagem escultórica, trataremos da sua composição mediante análise das categorias eidéticas, topológicas e cromáticas, respectivamente. No que se refere à categoria eidética, da forma escultural, percebemos que a imagem por si só, como um todo, materializa uma forma triangular. Vejamos:

Figura 4 - sentidos eidéticos da escultura



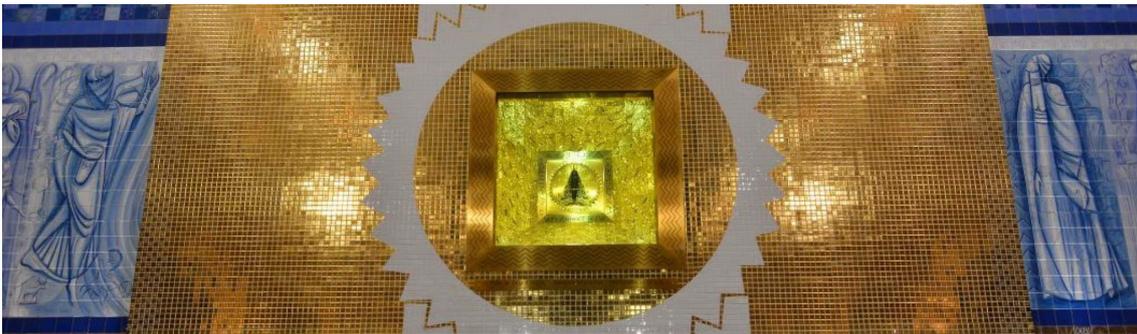
Fonte: Grupo Nossa Senhora Aparecida.  
Disponível em: <https://bityli.com/FYpRbt>> Acesso em: 13 maio 2022.

Simbolismo muito recorrente na prática católica, a forma triangular associa sua divindade à Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Diante desse preâmbulo, consideramos a simbologia do triângulo segundo o *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier (2001): “[...] trata-se de símbolos respectivos à natureza **divina** do Cristo e da sua natureza **humana**” (CHEVALIER, 2001, p. 904, grifos nossos). Na realidade, conforme Barros (2021), o costume da inserção de um manto triangular em imagens marianas se dá referente às que não possuíam o Menino Jesus no colo (BARROS, 2021). Destacamos tal constatação, pois a maioria das denominações marianas não costumam, de fato, possuir

o formato em questão. Uma das poucas imagens encontradas que se assemelham, podemos considerar, por exemplo, é a Imagem de Virgem de Nazaré (BARROS, 2021).

Na categoria topológica, o fato que se destaca, primeiramente, é o de o objeto estar localizado no interior da Basílica Nacional – portanto, a imagem se encontra em um espaço sagrado (BLANCO, 2008; SILVA, 2013), e, além disso, se posiciona no alto de uma coluna, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 5 – Nossa Senhora Aparecida no viés topológico



Fonte: Santuário Nacional.

Como dito, o espaço em que a imagem está é tido como espaço sagrado, uma vez que, conforme Blanco (2008) e Silva (2013), a prática significativa da consagração da eucaristia demarca o espaço em que nele acontece como sagrado, portanto, o santuário em questão se inclui nessa assertiva. Com a imagem elevada, posicionada ao centro do contorno arquitetônico, a imagem recebe acréscimos de efeitos de sentido. Diante do previsto na Figura 5, a imagem reveste a categoria topológica<sup>6</sup> *circundante* (contorno arquitetônico dourado) vs. *circundado* (a imagem). A grandiosidade do *circundante* se destaca de modo a transbordar seu sentido para o *circundado* de variadas maneiras. A primeira delas é o destaque do sentido do *circundante* de ascensão, divindade, próxima ao que é divino, próxima do céu.

Além do efeito de ascensão, sua posição se associa também a um efeito de inviolabilidade – no limite do intocável – devido à sua alta proteção, referenciado também pela presença da coroa dourada, somadas às noções cromáticas, o dourado e o delineado de sol intensificam tais sentidos de *ascensão* e *inviolabilidade*. Por outro lado, o monocromatismo da imagem primitiva (Figura 3) está presente na constituição do corpo propriamente dito da escultura, associando-se ao corpo e à **humanidade**

<sup>6</sup> Categoria topológica *Circundante* vs. *Circundado*, segundo Pietroforte (2007).

de Maria, diferentemente de seu manto, presente da princesa Isabel, que junto à coroa (Figura 1) na parte superior da escultura, realçam cores e texturas outras ligadas a certa nobreza e realeza **divina**. Nesse sentido, sobre a presença do véu azul por cima da escultura que, em sua composição, já possui panejamento esculpido, Moreira (2018) afirma que “desde o século XVI, alguns críticos incentivaram os escultores a produzirem obras realistas ‘belas’ e ‘respeitáveis’, que mostrassem as divindades vestidas, tendo-se a esperança de estimular o hábito de **vestir as esculturas sacras**” (MOREIRA, 2018, p. 99, grifo nosso), a roupa é vestida na escultura. Nesse sentido, a conjuntura de Nossa Senhora Aparecida é a colocação da coroa e a vestimenta do véu azul sobre a escultura, conferindo, nesse ponto, os acréscimos de sentidos apresentados no decorrer dessa análise.

Outra possível interpretação, por meio do (mono)cromatismo pictórico da escultura, é a imagem representar uma versão mariana de pele escura. Contudo, o objeto como um todo incluindo o corpo (pele, cabelo, etc.), os elementos míticos (lua, etc.) e as vestes esculpidas, apresentam a mesma coloração.

## Conclusão

É ilusório reivindicar a neutralidade moral da pesquisa científica e de suas aplicações (CATECISMO, 2017, p. 597).

Diante das presentes proposições transcritas por meio deste artigo, foi possível depreender variadas questões referentes à relação da padroeira do Brasil, e sua representação escultórica original, com a semiótica e sua produção de sentido, tanto no que se refere aos sentidos visuais, transparecidos por meio da coloração, das formas e posição topológica quanto também por meio de sua referência intertextual com sua narrativa de *acontecimento* de seu aparecimento.

Como resultados gerais, citamos, por exemplo, a constatação da maneira temática e figurativa com que a escultura relaciona os sentidos de humano e divindade. Sentidos esses que são o tempo todo evidenciados por meio, também, de sua posição no espaço sagrado do templo, suas colorações e suas formas. Além disso, pensando a própria prática de fidelização devocional à Imagem, para investigações futuras, o presente texto-escultura permeia uma relação enunciativa de fé de um actante fiel-devoto com um Arqui-actante, o Sagrado, o qual é associado com as temáticas da referida Santa.

Tais considerações, portanto, concretizam o alcance dos objetivos iniciais de nossa intenção e fazer científico, obtendo, como resultados, a constatação científica de que a produção de sentido do presente texto escultórico em questão responde às categorias propostas pela semiótica discursiva da expressão visual (PIETROFORTE, 2007) bem como complementam os estudos de semiótica sobre o discurso religioso, concluindo sua novidade no que se refere à análise de textos sincréticos, mais especificamente escultóricos, religiosos como objeto de análise. Daí se permeia também o impacto do presente estudo sobre os Estudos de Linguagens.

Por fim, de modo geral, vale ressaltar que a associação deste estudo com a presente chamada nos parece de grande valia uma vez que à noção de multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001), ligada inclusive à chamada Semiótica Social, pode tomar constatações relevantes da Semiótica Discursiva que apresentamos, principalmente no que se refere ao seu desempenho e proposta teórica-metodológica na análise de textos, sejam eles de quais expressões forem.

## Referências

ALVES, Andréa Maria Franklin de Queiroz. Pintando uma imagem: Nossa Senhora Aparecida-1931: igreja e estado na construção de um símbolo nacional. Universidade Federal da Grande Dourados, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/2273>>. Acesso em 10 maio 2022.

AZEVEDO, Renan Ramires de.; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Análise semiótica do texto-escultura 'Cavaleiro Guaicuru'. **Fólio - Revista de Letras**, v. 14, n. 1, 2022.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo, Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

BARROS, T. B. B. **Vestindo a santa**: narrativas e representações sobre os Mantos de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará (1973 - 2000). Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, UFPA, 2021.

BLANCO, Desiderio. El rito de la Misa como práctica significativa. **Tópicos del Seminario**, n. 20, Puebla/ México, p. 43-70, 2008.

BOFF, Clodovis M. **Mariologia Social**: o significado da imagem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BÖING, Mafalda Pereira. **Nossa Senhora Aparecida**: A padroeira do Brasil. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

CARDOSO, Dario de Araujo. **Corpo e presença na Bíblia Sagrada**. 2017. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CASIMIRO, Luís Alberto Esteves. Iconografia da anunciação: símbolos e atributos. Em: **Revista da Faculdade de Letras e Ciências Técnicas do Patrimônio**. I Série, Volume VII-VIII, p. 151-174, Porto: 2008-2009.

CATECISMO da Igreja Católica. 19<sup>o</sup> Edição, 2017.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). – 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ELIAS, Vanda Maria. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

FIORIN, José Luiz. A sacralização da política. In: FULANETI, O. N.; BUENO, A. M. **Linguagem e política**: princípios teórico-discursivos, São Paulo: Contexto, 2013. p 21-38.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. – São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz. Semiótica e História. **Cadernos de Letras UFF** – Dossiê: Linguagens em diálogo, n<sup>o</sup> 42, p. 15-34, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. 3<sup>a</sup> reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du Sens**. Paris: Seuil, 1970.

GRZYWACZ, José. **Bem-aventurada**: estudo popular sobre Maria, a mãe de Jesus. São Paulo: Paulus, 2018.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **What is multimodality? Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.

MACAGNO, Fabrizio; PINTO, Rosalice Botelho Wakim Souza. Reconstructing Multimodal Arguments in Advertisements: Combining Pragmatics and Argumentation Theory. **Argumentation**, v. 35, n. 1, p. 141-176, 2021.

MACHADO, Maria Clara da Silva; RABELLO, Jessica Maria Marques. Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Rainha dos brasileiros. **Revista Coletânea**, v. 17, n. 33, 2019. Disponível em: <<https://revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/140>>. Acesso em: 13 maio 2022.

MORATO, Elisson Ferreira. Esboço de um plano de expressão para o texto escultórico. **Estudos Semióticos**, v. 9, n. 1, p. 90-98, 18 jun. 2013.

MOREIRA, Fuviane Galdino. O Manto de Nossa Senhora Aparecida: um esboço de uma análise. **Ouvirouver**, Uberlândia v. 14 n. 1 p. 94-106 jan./jun. 2018.

MOTA, Ana Raquel. Romaria – uma análise semiótica. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 34, n. 27, 2007.

PERELMAN, Chaim; OLDBRECTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Análise do texto visual: a construção da imagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. A semiótica da escultura. **Estudos Semióticos**, v. 14, n. 1, p. 144-157, 14 mar. 2018.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **O discurso da Tradição esotérico Religiosa: uma abordagem semiótica**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

POSTAL, Jairo. **Parábolas e paixões**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

POSTAL, Jairo. **Uma imagem caleidoscópica de Jesus: o éthos de Cristo depreendido dos evangelhos canônicos**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

SANTOS JUNIOR, Paulo Jonas *et al.* 300 Anos de bênçãos: reflexões acerca do Jubileu de Nossa Senhora Aparecida. **Revista Encontros Teológicos**, v. 32, n. 2, 2017. <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/741/525>

SANTOS, Lourival de. A cor da santa: Nossa Senhora Aparecida e a construção do imaginário sobre a padroeira do Brasil. In: **Imaginário, cotidiano e poder**. – São Paulo: Selo negro, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCOMPARIM, A. F. **A iconografia na Igreja Católica**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVA, J. F. C.; PIMENTA, C. C. C.. Os 300 anos da aparição de Nossa Senhora Aparecida: uma análise da cobertura religiosa da TV Aparecida. In: **XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte – MG – 7 a 9/6/2018. <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0544-1.pdf>

SILVA, Sueli M. R. da. Discurso fundador: análise semiótica de textos das Sagradas Escrituras. **Investigações**, v. 32, n. 2, p. 548-570, 2019.

SILVA, Sueli M. R. da. **Discurso Religioso: Semiótica e Retórica**. Campo Grande: UFMS, 2020a.

SILVA, Sueli M. R. da. O Rito da Missa enquanto Prática Sacramental Católica. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 16/1, p. 171-199, jun. 2013.

SILVA, Sueli M. R. da. Semiótica e Iconografia Cristã. In: Nataniel dos Santos Gomes (Org.); Ruberval Franco Maciel (Org.); Vanderlis Legramante Barbosa (Org.). **Olhares sobre os textos**: verbal e não verbal. p. 110-150, 2020b.

WOLFFLIN, H. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WOLTER, Pedro Henrique dos et al. **Imagem de Nossa Senhora Aparecida**: análise do processo de restauração e da conservação preventiva. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/233985?show=full>>.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. Tradução: Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.